



Apresentação do “Arte em contextos políticos polarizados”, vol. 2

(Presentation of “Art in Polarized Political Contexts”, vol. 2)

(Presentación de “Arte en contextos políticos polarizados”, vol. 2)

Luci Ribeiro¹, Andrea Borges Leão², Ana Maura Tomesani³, Gabriela Frias⁴

1. Socióloga, mestre e doutora em Sociologia, com foco em teoria sociológica, teoria social contemporânea e acervos históricos. Curadoria de atividades científico-acadêmicas no Laboratório Social da Síntese Eventos (<https://orcid.org/0000-0002-9966-9577>).

2. Profa. Dra. da Universidade Federal do Ceará e integrante da Comissão Científica do 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte & Cultura do Laboratório Social (<https://orcid.org/0000-0001-8404-6767>).

3. Cientista social, mestre em Ciência Política e doutora em Relações Internacionais. Coordenadora da área de desenvolvimento institucional e parcerias do Laboratório Social (<https://orcid.org/0000-0001-7358-7760>).

4. Produtora cultural e Mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, com foco em canção popular e música independente. É colaboradora do Laboratório Social.

5. O Laboratório Social tem como objetivo central tornar o conhecimento científico mais acessível, relevante e presente na sociedade, valorizando a interdisciplinaridade e o diálogo entre diferentes áreas do saber. Para isso, promove ações de divulgação científica por meio da organização de eventos que reúnem pesquisadores de diferentes níveis, profissionais experientes e lideranças de diversos setores — público, privado e da sociedade civil.

Os artigos que compõem os dois volumes desse dossiê têm sua origem no 2º. Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte&Cultura - Arte em Contextos Políticos Polarizados, ocorrido de 11 a 13 de novembro de 2024, exclusivamente no formato online. Realizado pelo Laboratório Social, e organizado pela Síntese Eventos, o Congresso Internacional e Multidisciplinar Arte&Cultura faz parte do projeto dos Grandes Ciclos de eventos acadêmicos, que têm por base a interdisciplinaridade entre sete vetores, sendo eles: Arte&Cultura, Economia, Educação, Poder, Sociedade, Tecnologia e Urbano⁵. A cada dois anos, um vetor é mobilizado, dando origem a um congresso multidisciplinar, cujo tema procura discutir questões sociais contemporâneas. Nessa segunda edição, o 2º. Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte&Cultura abordou os desafios cerceadores da liberdade artística, bem como as ações de resistência para a construção de espaços que preservem as subjetividades que sustentam o fazer artístico, em um cenário global polarizado.

Essa 2ª edição do Congresso de Arte&Cultura contou com nove Grupos de Trabalho, que mobilizaram cento e onze trabalhos apresentados, além de um espaço virtual para as Mostras de Filmes e Fotos. Temas como acervos, museus e memória; arte e

educação; arte indígena; artes plásticas e visuais; inclusão e acessibilidade cultural, audiovisual contemporâneo, literatura e suas transversalidades, música, cultura e sociedade e gestão de equipamentos culturais atravessaram todos os Grupos de Trabalho e as obras das Mostras de forma multidisciplinar, sustentando o debate em torno dos desafios do contexto de polarização política e social.

Os artigos reunidos nos dois volumes deste dossiê, selecionados pelas coordenações dos respectivos Grupos de Trabalho, refletem a densidade e a vitalidade dos debates desenvolvidos em seu interior. Embora distintos em suas abordagens e temáticas, os textos convergem em torno de uma compreensão comum: a arte e a cultura configuram-se como arenas privilegiadas de disputa simbólica e política na contemporaneidade. Apresentando-se não apenas como expressão estética, mas como prática de resistência, de transformação e defesa da democracia em meio à atual polarização política e social.

...

O artigo de Diogo de Moraes Silva, “A arte tornada trincheira de clivagens em espiral: guerras culturais no Brasil dos anos 2010”, discute um tema

cada vez mais presente no debate público: a apropriação da arte por grupos de esquerda e de direita como instrumento de disputa ideológica. O autor ilustra seus argumentos a partir de sete casos em que manifestações artísticas foram alvo de ataques das chamadas “milícias digitais”. Pouco interessadas no conteúdo estético ou nos significados das obras, essas ofensivas se fundamentam em uma pretensa superioridade moral, desqualificando-as como se não fossem arte e defendendo seu “cancelamento” — seja no espaço virtual, seja no físico. Em alguns casos, essa pressão levou inclusive ao fechamento de exposições, por decisão dos próprios financiadores, em resposta às campanhas de difamação.

Segundo o autor, o campo reacionário se mostra desproporcionalmente mais beligerante nessa arena, valendo-se de valores religiosos e de um suposto moralismo como armas simbólicas no “combate” às obras, numa tentativa metafórica de eliminar o inimigo. No entanto, setores progressistas também recorrem ao “cancelamento”, mobilizando valores éticos, ecológicos, étnico-raciais e de gênero como fundamentos para a crítica e rejeição de determinadas manifestações artísticas.

Essa instrumentalização da arte como frente das guerras culturais está intimamente ligada, se-

gundo o autor, ao processo de hiperfragmentação da esfera pública decorrente da digitalização da vida. A circulação ampliada das obras, que deixam de ser restritas a um público de iniciados e passam a ser consumidas em posts, vídeos, fotografias e comentários, insere novos atores no debate — pessoas que não chegam munidas de conhecimento artístico, mas de valores morais, entendidos por elas como suficientes para julgar e repudiar.

Na conclusão, Moraes Silva argumenta que esse cenário desloca a análise das obras dos critérios estéticos, críticos e históricos próprios do campo da arte, obrigando artistas, curadores e produtores culturais a considerar o ambiente em que suas criações circularão. Diante da digitalização e da possibilidade constante de viralização, toda obra se encontra exposta simultaneamente à recepção e ao repúdio, sem a mediação dos filtros tradicionais. O autor caracteriza essa condição como um “beco sem saída”, que demanda reflexão aprofundada para compreender seus efeitos e caminhos possíveis.

Já no trabalho “O pior e o melhor filme já feito: a recepção programada de um episódio da franquia *Star Wars*”, Thais Lassali retrata de forma singular o fenômeno da reorganização das relações sociais e culturais pelos algoritmos das plataformas e mídias



sociais; e o modo como delineiam as discussões contemporâneas sobre cinema. Para tratar dessa temática, a autora se baseia em sua pesquisa etnográfica sobre a recepção digital do filme *Star Wars: Episódio VIII – Os Últimos Jedi* (2017), centrando-se especialmente nos papéis do Google e do YouTube como agentes ativos na formação de opiniões polarizadas em torno da obra.

Lassali se vale do conceito de plataformização – processo de disseminação da lógica das plataformas digitais (das *Big Techs*) na mediação das relações sociais; e do conceito de recepção programada – forma como os algoritmos de plataformas digitais, como o YouTube, moldam e direcionam as formas de interação, visibilidade e legitimação de conteúdos críticos – para evidenciar a influência dos algoritmos na formação de opiniões, gostos e comportamentos. Sob essa influência, a crítica cultural – mesmo não especializada – sobre o episódio VIII da franquia *Star Wars* se revestiu de um caráter performático e polarizado, expressando também a polarização político-ideológica presente em boa parte das sociedades contemporâneas.

O artigo “O pior e o melhor filme já feito: a recepção programada de um episódio da franquia *Star Wars*” nos apresenta, portanto, uma análise crítica

bem delineada, pautada em pesquisa etnográfica, sobre o papel das plataformas digitais que atuam como mediadoras não isentas (e coautoras) dos sentidos atribuídos à arte contemporânea.

De Henrique Almeida Martins de Souza, o artigo “Entre o dado e o construído: a crítica musical e a constituição da bossa nova” apresenta e discute como a bossa nova foi recebida e articulada pela crítica musical brasileira na época de seu surgimento, no final da década de 1950, com o lançamento do álbum “Chega de Saudade”, de João Gilberto. O texto traz o fenômeno da bossa nova não como algo pronto, mas resultado de debates, disputas e representações críticas. O que se pretende é analisá-la para além de uma ideia de “novidade” somente musical e estética, trazendo o processo de construção desse lugar consolidado que o gênero alcançou na história da música popular brasileira, destacando, nisso, a mediação de intelectuais, jornalistas e agentes culturais.

O artigo de Souza elabora essas ideias a partir de um conceito do sociólogo Antoine Hennion, que entende a reação de indivíduos a objetos de arte em dois tipos: o linear, no qual as pessoas reagem a esses objetos a partir de suas características intrínsecas, e o circular, em que teriam mais peso as mediações históricas, sociais e culturais envoltas nesse

objeto. É possível, a partir desse conceito de Hen-
nion, analisar a polarização da crítica musical sobre
a bossa nova à época de seu surgimento, que basi-
camente operava na já tão conhecida chave tradição
versus modernidade. De um lado, temos José Ramos
Tinhorão acusando a bossa nova de estrangeirismo e
afastamento das raízes mais tradicionais e populares
do samba. De outro, intelectuais como Brasil Rocha
Brito, Augusto de Campos, Júlio Medaglia e Gilberto
Mendes que entendiam o mesmo fenômeno musical
como marco de modernidade.

O texto evidencia, assim, a importância des-
se embate para a consolidação da ideia de ruptura e
surgimento de “uma outra música popular”, funda-
mental para a solidificação da MPB, anos mais tarde.
Apesar das divergências, o calor do embate de ideias
ocorrido ali foi fundamental para a legitimação da
bossa nova na história da música popular brasileira,
revelando o papel central da crítica nesse processo.

O texto de Daniella Villalta, “Pucallpa e a arte
de Pablo Amaringo”, nos apresenta a trajetória do
pintor e xamã peruano Pablo Amaringo, sua influên-
cia fundamental na consolidação da arte visionária
amazônica, e a transformação da cidade de Pucallpa,
região do Ucayali, Peru, em polo cultural expressi-
vo para as artes plásticas. Autodidata, Pablo Ama-

ringo combinou suas vivências como vegetalista com
o domínio técnico da pintura para criar obras que
expressam as cosmovisões indígenas amazônicas,
especialmente aquelas ligadas ao uso da ayahuasca.
Sua obra é considerada um divisor de águas na Arte
Amazônica; o que se deve, sobretudo, a uma estética
transcultural alimentada pelas artes indígenas e ri-
beirinhas, pelo vegetalismo e pela cultura ocidental.

O vanguardismo de Amaringo, e sua ascen-
dência sobre jovens artistas, deve-se, em especial, à
escola Usko Ayar, fundada por ele em Pucallpa, em
1988. Como instituição de proteção e disseminação
da diversa arte amazônica, a escola tornou-se um re-
conhecido centro cultural. Villalta, através da apre-
sentação destacada do legado de Pablo Amaringo,
evidencia também a importância da estética amazô-
nica e suas cosmologias (indígena, ribeirinha), como
arte legítima, como forma de resistência simbólica e
decolonial. A nova geração de artistas indígenas se-
gue a orientação estética de Amaringo, reinventan-
do suas ancestralidades e propondo novas formas
de relação com o mundo urbano por meio das artes
visuais.

